Artigo original Recebido em: 25/06/2021 Parecer emitido em: 26/07/2021

MARCHIOTTO, A.C.C.; REVERSI, N.S.; SANTOS, M.R. dos; FIORESE, L.; ARANTES, L.C. Os estilos parentais e a prática da natação em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.20, n.03, p.91-98, 2021. ISSN: 1981-4313.

OS ESTILOS PARENTAIS E A PRÁTICA DA NATAÇÃO EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM ESTUDO DE CASO

Ana Cláudia Cesário Marchiotto[1,2]
Naiara Sanches Reversi[2]
Marcos Roberto dos Santos[1,2]
Lenamar Fiorese[1,2,3]
Luciane Cristina Arantes[1,2,3]

[1]Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina (PGEF/UEM-UEL)
[2]Grupo de Estudo em Psicologia do Esporte e Desempenho Humano (GEPEDH)
[3]Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi verificar os estilos parentais e os significados da prática da natação na percepção de pais e mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa contou com 10 participantes, sendo três pais (03 participantes do sexo masculino) e sete mães (07 participantes do sexo feminino). Como instrumento de pesquisa foi utilizado o EMBU – pais, além da ficha de identificação dos participantes, e do formulário para a realização da entrevista semi-estruturada. Para análise dos dados quantitativos utilizou-se testes estatísticos descritivos, o teste de normalidade Shapiro Wilk, os testes Anova One-Way com post-hoc de Tukey, Mann Whitney, Anova para medidas repetitivas, com post-hoc de Bonferroni e o teste de correlação de Spearman, adotando níveis de significância de $p \leq 0,05$. Para os dados qualitativos utilizou-se análise de conteúdo do tipo categorial. Os resultados mostram que houve diferença significativa nos valores dos estilos parentais, sendo que suporte emocional foi maior em relação à rejeição e à superproteção. Entretanto a superproteção demonstrou valores mais altos do que rejeição. Além disso, os pais demostraram maior rejeição em relação aos resultados evidenciados em relação aos dados coletados referentes às mães. Em todos os relatos foi possível observar que as crianças apresentaram sentimentos positivos em relação à prática da natação, porém tanto pais como mães parecem não ter maiores conhecimentos sobre a modalidade natação.

Palavras-chaves: Autismo. Comportamento parental. Natação.

PARENTAL STYLES AND THE SPORTS PRACTICE OF SWIMMING IN CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (ASD)

ABSTRACT

The objective of this research was to verify the parenting styles and the meanings of swimming practice (in the parents' perception) of children with Autistic Spectrum Disorder. The research had 10 participants, three fathers (03 male participants) and seven mothers (07 female participants). As a research instrument, the EMBU – parents was used, in addition to the identification form of the participants, and the form for conducting the semi-structured interview. For the analysis of quantitative data, descriptive statistics, the Shapiro Wilk normality test, the Anova One-Way with post-hoc Tukey, Mann Whitney, Anova for repetitive measures, with post-hoc Bonferroni and the correlation test were used. Spearman, adopting significance levels of $p \leq 0.05$. Categorical content analysis was used for qualitative data. The results show that there was a significant difference in the values of parenting styles, with emotional support being greater in relation to rejection and overprotection. However, overprotection showed higher values than rejection. In addition, the fathers showed greater rejection in relation to the results shown in relation to the data collected regarding the mothers. In all results, it was possible to observe that the children showed positive feelings in relation to the practice of swimming, but both fathers and mothers seem to have no greater knowledge about the swimming modality.

Keywords: Autism. Parental behaviour. Swimming.

INTRODUÇÃO

Atualmente torna-se cada vez mais relevante o estudo de diferentes formas e meios relacionados, direta ou indiretamente, a estratégias e processos educativos que possam fomentar e estimular possibilidades de vivências saudáveis e que possibilitem a aprendizagem, especialmente, de crianças que, em meio às complexas redes de interações dos diversos fatores inerentes ao seu próprio processo de desenvolvimento, podem possuir algum tipo de transtorno mental, dentre os apontados pela Associação Americana de Psicologia (APA). (APA, 2014).

Neste contexto, o Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi descrito pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos mentais, DSM-V produzido pela APA, como uma referência que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento. É caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades. Esses sintomas costumam ser identificados no segundo ano de vida, embora alguns indícios mais acentuados possam ser observados nos primeiros doze meses de idade, conforme aponta a APA. (APA, 2014).

O termo espectro autista está relacionado a níveis e dimensões de variabilidade na manifestação dos sintomas do autismo, estando associado ao comprometimento no comportamento adaptativo do indivíduo. Muitos indivíduos com TEA também apresentam comprometimento intelectual e da linguagem (APA, 2014).

Inúmeros estudos corroboram com o posicionamento de que o TEA é um dos transtornos apresentados pelas crianças que pode ser considerado como uma das formas de ocorrência de deficiência intelectual neste público. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, 23,9% da população pesquisada referiram ter alguma deficiência, e, dentre esses, 1,4% afirmaram possuir uma deficiência intelectual. (IBGE, 2010).

No campo das políticas públicas no Brasil destaca-se a Lei 12.764/2012 e a Lei 13.146/2015. A primeira instituiu a Política Nacional de Proteção aos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e reconheceu a pessoa com TEA como uma pessoa com deficiência. Já a segunda, reforçou a garantia de direitos da população com deficiência, incluído as pessoas com TEA, para todos os efeitos legais, sendo considerada a Lei Brasileira da Inclusão.

De acordo com Gomes *et al.* (2015) os comportamentos das crianças com TEA interferem nas interações no contexto familiar e podem contribuir para o aumento do estresse parental, principalmente nas mães dessas crianças em comparação com os sintomas de estresse referidos por responsáveis de crianças com outras deficiências. Além disso, maiores níveis de sintomas de depressão, diminuição da qualidade de vida e aumento dos níveis de problema de saúde, piores indicadores de sensação de bem estar também foram observados.

Neste contexto, pode-se pensar que tais aspectos podem influenciar não somente em relação aos relados sobre a qualidade de vida das crianças autistas, por exemplo, mas também de toda sua família. Neste contexto entender melhor e estudar os diferentes tipos de estilo parental se mostra como uma relevante justificativa para o subsídio de futuras ações e medidas tanto do ponto de vista técnico, pedagógico, social e, especialmente, no que se refere a se almejar a melhoria da qualidade de vida dessas famílias.

Para Grolnick (2003, p. 31) o termo "estilo parental" é definido como a interação entre pais e filhos em uma ampla gama de situações. Neste contexto, podem ser subdivididos três tipos de estilos parentais, conforme apontam Canavarro e Pereira (2007), o Suporte Emocional, que traduzem a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos pais. A rejeição **é o estilo parental** onde se manifestam hostilidade e agressão verbal e física e a não-aceitação da criança. Já a superproteção refere-se às intenções e ações dos pais que visam controlar o comportamento das crianças, manifestações de exigência em relação aos filhos e preocupações com o bem-estar da criança.

Neste contexto, é notório o papel dos pais no ingresso e desenvolvimento da vida educacional das crianças com TEA e, nesta seara, a própria prática de atividade física e da prática de atividades esportivas adequadas e orientadas pode apresentar-se de modo significativamente relevante tanto nos primeiros anos de vida, em relação a prática de movimentos em geral, bem como, num segundo momento, relativa a prática da natação, esporte muito praticado em todo o mundo, desde os primórdios, inclusive, com fins terapêuticos. Em relação a participação esportiva, atualmente, é preciso lembrar que o ambiente familiar é um dos principais fatores que determinam a participação e o desenvolvimento de crianças e jovens no esporte. (TEQUES; SERPA, 2009). Apesar disso, ainda existem várias lacunas em relação aos aspectos que efetivamente podem interferir na participação e desenvolvimento dos indivíduos em relação ao papel dos estilos parentais, como apontado por Grolnick (2003). Este autor, ainda destaca que o papel dos estilos parentais pode ser de fundamental importância, pois além de promover a autonomia, a coesão familiar a adequada adaptação, evitando assim excessivo controle. (GROLNICK, 2003).

Desta forma, os exercícios físicos feitos na água podem trazer melhoria para aspectos funcionais e fisiológicos do corpo dos indivíduos, pois o meio líquido pode proporcionar e estimular a participação e a aquisição de novas e ricas experiências motoras. Assim a prática da natação apresenta-se como uma das melhores opções para o desenvolvido físico, motor, pedagógico, dentre outros aspectos.

Segundo Souza (2004), ao brincar com a água a criança encontra prazer, sobretudo, ao buscando a variação de movimentos, por iniciativa própria, o que torna mais possíveis e acessíveis as aquisições de noções corporais e a interação com o meio. Para Lépore (1999), a prática da natação pode ainda auxiliar na diminuição dos espasmos e no relaxamento muscular, no alívio da dor muscular e articular, na manutenção ou no aumento da amplitude do movimento articular. Além disso, pode favorece o fortalecimento e resistência muscular localizada, elasticidade da pele, equilíbrio estático e dinâmico, relaxamento dos órgãos de sustentação (coluna vertebral), orientação espaço-temporal e socialização. Consequentemente, a prática da natação por uma criança com TEA pode proporcionar experiências que dificilmente ela teria em outros contextos, especialmente devido ao grande potencial pedagógico propiciado pelo contato com o meio líquido.

Outros benefícios advindos da prática da natação podem ser mencionados a partir da constatação do aprimoramento da coordenação motora e da melhoria das noções de espaço e tempo, no preparo psicológico e neurológico, na melhoria da qualidade do sono, no aumento do apetite e na melhoria da memória, dentre outros. (CANOSSA *et al.*, 2007).

As atividades psicomotoras na água dirigidas às crianças, constituem uma das práticas para adoção de estilos de vida saudáveis e um eficiente meio de desenvolvimento holístico, especialmente quando associadas a atividades lúdicas. (SENRA, 2005).

Desde a época de Platão e Aristóteles, a brincadeira já era utilizada devido a sua potencial associação ao prazer, sendo também importante devido ao fato de que, contraditoriamente, sabe-se também que no processo de aprendizagem desta modalidade existe a necessidade de execução de movimentos repetitivos e, como assevera Fernandes e Costa (2006), mais uma razão para que o ensino da natação seja deve ser sempre desenvolvido e estimulado, pois é uma prática corporal que se caracteriza pela sistematização de rotinas, as chamadas sequências pedagógicas, compostas por conteúdos pré-determinados para o aprendizado técnico dos quatro estilos. Desta forma, deve-se evitar que exercícios monótonos e sem estímulos para que não se contribua para não aderência de crianças à prática, e, por conseguinte, à desistência. Neste sentido, compreender e estudar os processos em que se inserem as crianças com TEA, certamente, auxiliará na proposição de novas abordagens relacionadas ao desenvolvimento desta e de outras práticas pedagógicas que se utilizam de conteúdos e elementos típicos da área de educação física e de seus professores e, demais profissionais que atuam neste campo.

Considerando o exposto o problema de pesquisa levantado neste artigo é o seguinte: Qual os estilos parentais apresentados por pais e mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista praticantes da natação?

Diante do exposto, esta pesquisa objetivou avaliar os estilos parentais de pais e mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e verificar possíveis razões ou justificativas para prática da natação de acordo com a percepção desses pais e mães, responsáveis por oportunizar a prática da natação dessas crianças.

Ademais, conforme afirmações de Teques e Serpa (2009, p. 535) de que "a investigação acerca do envolvimento parental deve considerar as suas variáveis indissociáveis do contexto e interagindo mutuamente nos pensamentos, atitudes e comportamentos", sem dúvida, propiciará compreender não somente o porquê do envolvimento da prática de esportes pelos filhos, mas também possibilitará o entendimento sobre as diferentes configurações acerca de alguns dos diversos aspectos que compõe o emaranhado sistema de fatores em que está imersa, bem como a função que podem desempenhar os diferentes estilos parentais no processo de participação e desenvolvimento das habilidades das crianças e jovens que praticam esportes, dentre eles, a natação..

Métodos

Esta pesquisa foi classificada como um estudo de caso de caráter quantitativo-qualitativo. Além da caracterização quantitativa em relação a definição das dimensões e comparações dos estilos parentais, o estudo também avaliou qualitativamente as informações coletadas por meio do formulário de entrevista semiestruturada, utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2003).

Participantes

A população da presente pesquisa foi composta por dez alunos, sendo seis do sexo masculino e quatro do sexo feminino com médio de idade de 4 anos e desvio padrão de ± 2,84), com níveis de autismo leve e moderado, alunos de natação e seus respectivos responsáveis, sendo sete mães e três. A média de

idade dos responsáveis foi de 33,60 anos com desvio padrão de ±3,30. Todos as crianças participantes integravam o Programa de Ludicidade na Natação Adaptada (LUNA) em uma Academia localizada na Cidade de Maringá/PR.

Procedimentos

Os pais preencheram uma ficha de registro de dados pessoais como data de nascimento, endereço, grau de escolaridade e estado civil. Os mesmos dados foram solicitados para que os pais pudessem informar os mesmos dados sobre os filhos, bem como referentes à data de início na natação, o grau de autismo que possuíam, bem como quando foram diagnosticados com TEA, quantas terapias realizam e se a criança era classificada com alguma deficiência verbal ou não.

Para obtenção de dados quantitativos foi utilizado um questionário autoaplicável. Os familiares responderam ao instrumento EMBU – pais que identifica os estilos parentais predominantes. Por meio deste instrumento buscou-se obter informações acerca do comportamento parental.

O EMBU – Pais (EMBU-P). *Egna Minnen Bertraffande Uppfostran* – Parents version, validado para a língua portuguesa por Canavarro e Pereira (2007) e tem por objetivo avaliar os estilos parentais educativos segundo a percepção dos progenitores ou cuidadores. É constituído por 42 itens, avaliados numa escala de Likert de 4 pontos, desde 'Não, nunca' a 'Sim, sempre' e os resultados são avaliados através de três sub-escalas, sendo elas:

a) Suporte Emocional (14 questões: 01, 10, 16, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 32, 36, 40, 41 e 42) – constituído por itens que traduzem a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos familiares, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos mesmos
b) Rejeição (17 questões: 02, 04, 05, 08, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 25, 31, 33, 34, 35, 37, 38) – constituído por itens que descrevem intenções e ações que visam controlar o comportamento das crianças, manifestações de exigência em relação aos filhos e preocupação com o bem-estar da criança; e
c) Superproteção (11 questões: 03; 06; 07; 09; 15; 19; 23; 24; 26; 29; 39), conforme protocolo, conforme preconizado pelo referido protocolo.

Os dados qualitativos foram obtidos por meio de entrevista semiestruturada, direcionada aos familiares. Esta foi elaborada a partir da matriz de análise, que tiveram como base os elementos do modelo teórico adotado para o estudo, o Modelo de Envolvimento Parental no Desporto, adaptado por Teques e Serpa (2009).

Para a estruturação da entrevista com os respectivos responsáveis (pais ou mães) das crianças, foram considerados os níveis 1 e 2 do Modelo do Envolvimento Parental no Desporto, referentes aos motivos que os levaram a se envolver e os mecanismos utilizados no envolvimento. Foram classificados com indicadores: a motivação pessoal (construção do papel parental e eficácia parental), as invocações (da academia e do professor), o contexto vivencial (conhecimentos e competências, e tempo e energia) e os mecanismos de envolvimento de pais e mães (encorajamento, modelagem, reforço e instrução).

Para fins dessa coleta, o Projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), conforme parecer nº. 353/2011. O contato prévio com os sujeitos foi realizado, visando para apresentar e esclarecer sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como para o agendamento das datas para obtenção da autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e para a realização das entrevistas.

Destaca-se neste momento, a familiarização da pesquisadora principal com a temática do estudo (natação e autismo), o que facilitou o contato com os pais, além do fácil aos mesmos nos dias e horários que estariam na academia. Desta forma, a coleta dos dados do questionário EMBU – versão pais – foi realizada durante as aulas de natação que duravam de trinta a quarenta e cinco minutos. Da mesma forma os dados qualitativos (entrevista) aos quais foi solicitada a permissão para gravação de voz, para posterior transcrição das informações na íntegra, os quais também foram coletados durante as aulas, pois em geral os pais ou mães ficavam aguardando a participação das crianças.

Análise estatística

Os dados foram analisados por meio do software SPSS, versão 22.0. A normalidade foi investigada por meio do teste de Shapiro-Wilk. Uma vez que a distribuição foi paramétrica, utilizou-se média e desvio-padrão (DP) como estatísticas descritivas.

Para comparar os estilos parentais entre si utilizou-se o teste t de *Student* para amostras dependentes. Para comparar a idade dos pais, estilos parentais, idade das crianças e quantidade de terapias realizadas pelos alunos autistas em função do sexo (i.e., masculino; feminino), da carga horária semanal de trabalho (i.e., de 0 a 20 horas semanais; mais de 20 horas semanais), do nível/grau de escolaridade (i.e., ensino fundamental; ensino superior), da despesa anual com a prática esportiva do filho(a) autista dos pais (i.e., de R$2.000 a R$5.000; mais de R$5.000), além do número de crianças presentes na residência dos alunos autistas (i.e., uma criança; duas crianças), do grau de autismo (i.e., leve; moderado/severo) e da quantidade de terapias semanais realizadas pelos alunos autistas (i.e., de uma a quatro terapias; mais de quatro terapias), foi utilizado o teste *t* não-pareado de *Student*.

Para correlacionar a idade dos pais, estilos parentais, idade das crianças e quantidade de terapias semanais realizadas pelos alunos autistas, foi aplicado o coeficiente de correlação de *Pearson*. O nível de significância adotado foi $p \leq 0,05$.

RESULTADOS

Tabela 1 – Média e desvio-padrão da idade dos pais, estilos parentais, idade das crianças e quantidade de terapias realizadas pelos alunos com autismo de uma escola de natação de Maringá/PR. (n=10).

Variáveis	Média	± DP
1. Idade	33,60	± 3,30
2. Suporte Emocional[a,c]	3,49	± 0,14
3. Rejeição[a,b]	1,51	± 0,24
4. Superproteção[b,c]	2,89	± 0,26
5. Idade das crianças	4,10	± 2,84
6. Quantidade de terapias	4,10	± 0,99

a: diferença significativa entre rejeição e suporte para $p \leq 0,05$.
b: diferença significativa entre rejeição e superproteção para $p \leq 0,05$.
c: diferença significativa entre suporte e superproteção para $p \leq 0,05$.
[a,b,c] Diferença significativa para $p \leq 0,05$.
Fonte: Os autores.

Os resultados demostram que houveram diferenças estatisticamente significativas nos valores das diferentes dimensões dos estilos parentais, sendo que em média o suporte emocional apresentou um índice maior que a dimensão rejeição e à dimensão superproteção. Ademais, a dimensão superproteção apresentou valor médio superior da dimensão rejeição.

Deste modo, ao observar a tabela acima, constata-se efetivamente que existem diferenças estatisticamente significativas (para $p \leq 0,05$) em todas as dimensões quando comparadas entre si.

Com relação a análise dos dados e informações coletadas a partir da entrevista semiestruturada, os resultados da análise qualitativa demostram que os pais em sua maioria justificaram, primeiramente, a prática esportiva por questões motoras e terapêuticas com vistas ao desenvolvimento das crianças autistas. Da seguinte forma, evidenciou um pai, durante a entrevista semiestruturada, em relação ao seu filho(a): "Ingressou porque não dormia a noite e eu pensei em colocar em um esporte, pra ficar cansado, pra se mexer." (P1).

Outro aspecto investigado se refere a apresentação dos estilos parentais de rejeição, suporte emocional e superproteção dos pais e mães de crianças autistas. Por meio das entrevistas pode-se observar que durante algumas falas os estilos parentais rejeição foi evidenciado. Quando perguntado se já bateu os deu castigos aos filhos, o sujeito P3 respondeu: "Já, quem nunca?! Um dia eu estava muito cansado e ele derrubou uma caixa de brinquedos e foi o ápice." (P3)

Já em relação ao suporte emocional, também pode ser observado essa dimensão, quando perguntado se há encorajamento por parte dos pais, conforme foi relatado por M6, como pode ser verificado a seguir: "sim, até mais do que o normal. Ela sempre teve muito medo de fazer as coisas, então eu sempre falo que ela consegue, que ela é muito corajosa, então ela pega isso pra ela mesmo e vai." (M6)

O estilo parental de superproteção ficou também evidente na fala da M7, quando perguntada se os pais sobre sua preocupação com seu filho(a): "Sim. Sempre, o Pedro é uma criança que você tem que ta grudada em cima dele, porque ele é arteiro, sempre apronta, ele sobe em cima da mesa, sobe em cima da pia, abre a tampa do vaso, entra dentro do vaso." (M7)

Sobre os aspectos do contexto vivencial de acordo com os pais e mães dos alunos autistas para o envolvimento com a natação, ficou claro que a maioria dos pais não relataram de forma explicita conhecimento relativos a natação e, não demostraram em suas falas, interesse em adquirir tais conhecimentos. Como pode ser observado na fala da M4: "Ah, não. Eu já to entendendo sobre tanta coisa. Hoje a gente foi na nutricionista e ela mandou tirar todos os alimentos que inflamam, que podia ajudar no autismo, então agora eu tenho que entender sobre o glúten, coisa que eu nunca nem me importei." (M4).

Por fim, quando perguntado sobre os aspectos relacionados às invocações feitas aos pais e mães dos alunos autistas de natação para o envolvimento no esporte, observou-se que todas as crianças se sentem muito animadas e apresentam sentimentos de alegria quando vão para as aulas de natação, conforme podemos ver no depoimento do P2: "Nossa!!! É só pegar a sunga dele que ele já fica todo todo, eu acho que ele fica esperando o sábado pra vir fazer a aula." (P2); M2, "Sim, sempre muito feliz. Ah, ela fica repetindo horas e horas. Ela sempre fica muito empolgada." (M2); e P1: "Sim. Muito. Ah, ele fica muito feliz, ele já quer entrar na piscina, ele dá risada, ele bate palminha, não vê a hora de entrar dentro da piscina." (P1)

DISCUSSÃO

Partindo da análise sobre os dados e informações coletadas, percebe-se ao observar de modo mais atento a fala dos responsáveis pelas crianças que em relação à natação e o autismo houve um consenso de que o ambiente aquático e a prática da natação são prazerosos e aguardados por todas as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) participantes desta pesquisa.

Assim confirma-se a ideia de que o meio aquático, conforme apontado pela literatura, por meio das suas características particulares e específicas pode auxiliar e possibilitar a estimulação dos seus praticantes, bem como propiciar aos indivíduos experiências de diferentes sensações, as quais podem efetivamente fomentar os mais diversos aspectos relacionados ao seu desenvolvimento físico, psicológico, afetivo e social, dentre outros, necessários ao alcance do sucesso da prática esportiva, mesmo para o contexto educativo e não competitivo. O meio aquático sem dúvida pode ser um meio facilitador e promotor de desenvolvimento e de inúmeras aprendizagens corporais da criança, num sentido mais amplo. (SOUZA, 2004; LÉPORE, 1999; CANOSSA *et al*., 2007; SENRA, 2005; FERNANDES; COSTA, 2006)

Nesse sentido, Sulzbach (2009), afirma que o ambiente aquático proporciona momentos de experiências, no qual é necessário cultivar o contato e a comunicação, sendo também importante espaço de desenvolvimento de relações afetivas. Porém, é necessário perseverar, visto que apesar de a criança autista demostrar interação com o professor, isso não ocorre de maneira comum em relação aos seus colegas. E mesmo com o professor não é sempre que a criança demonstra vontade de se relacionar.

Diante do exposto, salienta-se a importância das atividades de caráter lúdico, as quais, segundo Lô e Goerl (2010), são apresentadas como estratégias interessantes para a solução quando se faz necessária a transformação do ambiente em espaços mais prazerosos e motivadores, especialmente, para proporcionar maior conforto aos praticantes da natação, sejam eles crianças autistas ou não autistas. Afinal todos tem o direito de desenvolver práticas e manifestações educativas mais enriquecedoras e relevantes.

Em relação ao Suporte Parental oferecido às crianças com transtorno do espectro autista, conforme apontado pela literatura, as mães parecem possuir níveis de aliança parental mais elevados que os pais, de modo que este aspecto pode estar associado aos papéis parentais que, em geral, cada um dos cônjuges, por exemplo, desenvolvem no seio familiar. Todavia estes aspectos não foram aprofundados e/ou verificados neste estudo.

CONCLUSÕES

Os resultados mostram que houveram diferenças estatisticamente significativas nos valores apresentados pelos diferentes estilos parentais avaliados, sendo que suporte emocional foi maior que rejeição e superproteção, observando que a superproteção demonstrou valores médios mais altos do que rejeição.

Também foi possível perceber que o oferecimento de vivências e atividades no ambiente aquático como a natação e a ludicidade na natação parece contribuir com o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Obviamente que os resultados apresentados por esta pesquisa, merecem serem confrontados com outros, visando buscar fomentar e subsidiar a reflexão sobre o papel do suporte parental em crianças com transtorno do espectro autista e crianças não autistas, sobretudo ao longo do tempo. Assim novas pesquisas devem ser estruturadas, visando inclusive, especificar de modo longitudinal, alguns dos itens aqui identificados como relevantes por esse estudo, porém não mensurados detalhadamente. Por meio de estudos de acompanhamento longitudinal, seriam possíveis identificar, de maneira mais precisa, não somente os benefícios da prática da natação neste complexo contexto biopsicossocial em que se inserem as crianças com TEA, mas também verificar possíveis alterações dos estilos parentais de pais e mães, ao longo do tempo.

Sugere-se também a realização de novos estudos que possam se utilizar de metodologias mais adequadas para o desenvolvimento de pesquisas campos de caráter experimentais, tendo como foco essa e outras práticas de intervenção pedagógica, dentro e fora da educação física, com a população-alvo deste estudo. Assim, espera-se, concomitante aos aspectos mencionados, que estes tipos de pesquisas contribuam com o subsidio de dados, informações e conhecimentos necessários à formação e capacitação docente neste campo de atuação profissional, bem como, de alguma forma, auxiliem na melhoria do relacionamento e atuação conjunta das famílias e dos profissionais atuantes com crianças autistas.

Por fim, destaca-se que, como aponta a literatura, as atividades desenvolvidas no meio líquido, como a natação, inicialmente relatadas como uma terapia muito interessante para essas crianças, como apontaram os relatos coletados dos pais, são de extrema importância, pois propiciam muitas possibilidades de realização de diversos tipos atividades físicas e motoras no ambiente aquático. Deste modo, tanto pais quanto mães se mostraram dispostos a continuar incentivando e dando o suporte necessário para que a continuidade desta prática se perdure ao longo do tempo. Complementarmente, para que isso aconteça de maneira integral, a formação e capacitação profissional contínua parece se apresentar de modo imprescindível, em especial, no que se refere a uma atuação profissional competente junto a população-alvo deste estudo, ou de populações similares a amostra desta pesquisa. E neste contexto, espera-se que este estudo de alguma forma se tenha contribuído com este processo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSICOLOGIA. (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. DSM-V. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnosico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf.> Acesso em: 21 jun. 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições70, 2003.

CANAVARRO, M.C.; PEREIRA, A.I. A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. **Psicologia: Teoria Investigação e Prática***, n.2*, p.271-286, 2007.

CANOSSA, S. *et al.* Ensino multidisciplinar em natação: reflexão metodológica e proposta de lista de verificação. **Motricidade,** v.3, n 4, p.82-99, 2007.

FERNANDES, J.R.P.; COSTA, P.H.L. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v.20, n.1, p.5-14, 2006.

GOMES, P.T.M. *et al.* Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**, v.91, n.2, p.111-121, 2015.

GROLNICK, W.S. **Psychology of parenting control:** how wellmeant parenting backfires. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Rio de Janeiro: IBGE Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf> Acesso em: 25 jun. 2021.

LÉPORE, M. **Programas Aquáticos Adaptados.** São Paulo, Atheneu, 1999.

LÔ, E.M.; GOERL, D.B. Representação emocional de crianças autistas frente a um programa de intervenção motora aquática. **Revista da Graduação**. v.3, n.2, p.1-19, 2010.

SENRA, J. A **importância da natação na primeira infância segundo a psicomotricidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação Lato Sensu em Psicomotricidade). Pós-Graduação Lato Sensu em Psicomotricidade, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2005.

SOUZA, G. **Benefícios da utilização de materiais para o desenvolvimento psicomotor dentro do ensino da natação em crianças até 6 anos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação "Lato Sensu" em Psicomotricidade). Pós-Graduação Lato Sensu em Psicomotricidade, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2004.

SULZBACH, A.P. A representação emocional de uma criança com traços autistas em um projeto de psicomotricidade relacional em ambiente aquático. **Lecturas: Educacíon F**ísica **y Deportes.** Buenos Aires, ano 14, n. 138, nov., 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd138/crianca-com-tracos-autistas-em-ambiente-aquatico.htm#:~:text=A%20representa%C3%A7%C3%A3o%20emocional%20de%20uma,psicomotricidade%20relacional%20em%20ambiente%20aqu%C3%A1tico&text=O%20autismo%20manifesta%2Dse%20antes,e%20no%20uso%20da%20imagina%C3%A7%C3%A3o≥. Acesso em: 25 jun. 2021.

TEQUES, P.; SERPA, S. Implicación parental: Adaptación de un modelo al deporte**. Revista de Psicología del Deporte**, v.18, n.2, p.235-252, 2009.

AGRADECIMENTOS

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a todo(a)s integrantes do Grupo de Pesquisa em Psicologia do Esporte e Desempenho Humano (GEPEDH).

Grupo de Estudos em Psicologia do Esporte e Desempenho Humano: Universidade Estadual de Maringá - Departamento de Educação Física
Av. Colombo, 5790
Jardim Universitário
Maringá/PR
87020-900